

ARTIGO CIENTÍFICO

UTILIZAÇÃO DA DOXORRUBICINA COMO TRATAMENTO PARA CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS NO ESPELHO NASAL E LÁBIO SUPERIOR DE FELINO – RELATO DE CASO

Juliana Ferreira da Silva¹; Viviane Faustino Bispo^{1*}; Wendel Silva Dantas¹; Laynaslan Abreu Soares¹; Roseane de Araújo Portela²; Lisanka Ângelo Maia²; e Ana Lucélia Araújo².

Resumo: O carcinoma de células escamosas (CCE) é uma neoplasia maligna, originada do epitélio cutâneo. Idade, cor da pele, raios UV são os principais fatores predisponentes da lesão. O presente relato objetiva explicar sobre um felino, macho, jovem, apresentando uma lesão ulcerada no focinho. Diante dos achados epidemiológicos, clínicos e histopatológicos realizou-se o diagnóstico de CCE, sendo estabelecido tratamento com o quimioterápico doxorubicina na dose de (1 mg/kg), diluído em 20 mL, IV, durante 40 minutos, juntamente a fluidoterapia NaCl 0,9%, realizado em quatro sessões. Tal modalidade terapêutica foi fundamental na regressão e estabilização do CCE e no prolongamento do período de sobrevivência do animal.

Palavras-chaves: Quimioterapia. Neoplasia. Gato

USE OF DOXORRUBICIN AS A TREATMENT FOR CARCINOMA OF SCALED CELLS IN THE NASAL MIRROR AND FELINE SUPERIOR LIP - CASE REPORT

Abstract: Squamous cell carcinoma (SCC) is a malignant neoplasm originating from the cutaneous epithelium. Age, skin color, UV rays are the main predisposing factors of the lesion. The present report aims to explain about a feline, male, young, presenting an ulcerated lesion in the snout. In view of the epidemiological, clinical and histopathological findings, the diagnosis of SCC was made, and treatment was established with doxorubicin chemotherapy at a dose of (1 mg/kg), diluted in 20 mL, IV, for 40 minutes, together with 0.9% NaCl fluid therapy, performed in four sessions. This therapeutic modality was fundamental in the regression and stabilization of the EEC and in the prolongation of the survival period of the animal.

Keywords: Chemotherapy. Neoplasm. Cat

*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 22/08/2019; aprovado em 28/04/2020

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa, e-mail*vihbispo21@gmail.com

²Docentes do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa- IFPB, Sousa – PB.

INTRODUÇÃO

O carcinoma de células escamosas (CCE) corresponde de 9 a 25% dos tumores cutâneos em felinos, considerado uma neoplasia maligna proveniente da diferenciação dos ceratinócitos, sendo de baixo poder metastático. A exposição aos raios ultravioleta, animais idosos, pele clara ou despigmentadas são fatores predisponentes para o desenvolvimento da neoplasia (DALECK; DE NARDI, 2017).

Em felinos, a região de pavilhões auriculares, plano nasal e pálpebras são locais de maior desenvolvimento do CCE (SANTOS, ALESSI, 2016). Para o tratamento do carcinoma de células escamosas é considerado à localização e diâmetro da lesão, podendo ser instituído como terapia exérese cirúrgica da neoplasia, radioterapia, criocirurgia, eletroquimioterapia ou fototerapia (FILGUEIRA et al., 2017). A quimioterapia sistêmica pode ser empregada para esta neoplasia, porém normalmente apresenta resultados insatisfatórios (DALECK; DE NARDI, 2017).

Desta forma, objetiva-se com o presente trabalho, descrever o tratamento com o quimioterápico doxorrubicina efetuado em um felino diagnosticado com CCE no espelho nasal.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi acompanhado no Hospital Veterinário Adílio dos Santos de Azevedo do Instituto Federal da Paraíba (HV-ASA/IFPB), Campus Sousa, o atendimento de um felino, macho, sem raça definida (SRD), 2 anos de idade, pesando 4,95 kg, de pelagem branco-acinzentado, pele branca, e focinho despigmentado. Com queixa principal de uma lesão ulcerada no plano nasal, já anteriormente tratada, como ferida crônica, inicialmente com prednisona (5 mg/kg), uma vez ao dia (SID), durante cinco dias, apresentando redução da secreção nasal e sem alterações no tamanho da lesão.

Os dados epidemiológicos e clínicos foram coletados durante atendimento na Clínica Médica de Pequenos Animais (CMPA) do HVASA do IFPB. O exame citopatológico foi realizado a partir de coleta da lesão através da técnica de imprint e encaminhado para o Laboratório de Citologia Veterinária (LCV-IFPB). Para o exame histopatológico foi realizado biópsia incisional da lesão e encaminhada para o Laboratório de Patologia Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Patos (LPA-UFCG).

O tratamento ocorreu em duas etapas, na primeira foram realizadas duas administrações da doxorrubicina na dose de (1 mg/kg) diluído em 20 mL de água para injeção pela via intravenosa (IV), por 40 minutos juntamente a fluidoterapia NaCl 0,9% (60 mL/kg/24h), com intervalos de 4 semanas entre aplicações do quimioterápico. Passados três meses reavaliou-se o paciente e iniciou-se a segunda etapa das sessões da quimioterapia com doxorrubicina, da mesma forma que anteriormente, porém, desta vez, empregadas as doses em intervalos de 10 dias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diagnóstico foi estabelecido com base nos achados clínicos, epidemiológicos e histopatológicos. Na avaliação clínica, o animal apresentava uma lesão ulcerada no espelho nasal, infiltrando a narina esquerda prosseguindo até o lábio superior, eritematosa, com secreção nasal e bordas irregulares (Figura 1.), com progressão de seis a sete meses.

A forma de apresentação da lesão e o tempo de evolução são comumente relatados na literatura (DALECK; DE NARDI, 2017). Acredita-se que fatores como pele clara, localização da lesão e clima quente da região tenham favorecido o desenvolvimento da neoplasia. Os dados do animal codizem com os descritos por Guérios (2003), ao relatar que o CCE tem uma maior incidência em pele clara, com pouca proteção dos pelos, além da exposição da luz ultravioleta como lábios, plano nasal, ápice das orelhas e pálpebras. Segundo Daleck; De Nardi, (2017), a ocorrência da neoplasia em felinos é mais comum nos animais entre 9 e 14 anos, porém o caso trata-se de um felino jovem, divergindo com a literatura, o que demonstra que o fator idade é controverso. E que os fatores de pele do animal e os fatores climáticos são critérios mais confiáveis.

Ao exame histopatológico evidenciou-se neoformação densamente celular, composta por células epiteliais neoplásicas bem agrupadas e assumindo arranjos em ninhos e cordões, sustentados por moderado estroma fibrovascular. As células neoplásicas variavam de poligonais a ovaladas, com citoplasma moderado, eosinofílico, por vezes vacuolizado, e de limites pouco evidentes. Núcleo predominantemente grande, variando de redondo a ovalado, centralizado, com cromatina esparsa e nucléolo único. Moderado pleomorfismo e anisocitose e pelo menos uma figura de mitose, por campo. A histopatologia revelou a persistência de padrão morfológico característico de CCE condizentes com os citados por Santos; Alessi, (2016). Fato que confirma o diagnóstico de CCE.

Após diagnóstico definitivo, se estabeleceu o tratamento com o quimioterápico doxorrubicina. O tratamento cirúrgico, radioterápico, criocirúrgico, fotodinâmico e/ou eletroquimioterápico se tornam impossibilitados devido à localização anatômica, dimensão e infiltração do tumor (FILGUEIRA et al., 2017), sendo preconizada quimioterapia sistêmica. A doxorrubicina é uma antraciclina que interfere no processo da duplicação e separação do DNA e RNA. É muito aplicada como agente único ou associado, e em cães é um dos principais quimioterápicos usados nos casos de carcinoma de células escamosas (DALECK; DE NARDI, 2017). Nos felinos necessita-se de cautela, animais imunossuprimidos, com insuficiência renal não podem ser tratados com doxorrubicina (RODAKI; DE NARDI, 2008), e a resposta do seu uso em gatos é controversa.

O tratamento procedeu com tranquilidade, o animal não apresentou nenhuma reação adversa, como também foi percebido remissão da área neoplásica. Na reavaliação da lesão, observou-se a presença de

tecido de granulação, com pouca secreção e aspecto cicatricial. Passados 3 meses o paciente retornou para avaliar a efetividade do protocolo, durante a reavaliação a narina esquerda apresentava-se limpa, crostosa, com ausência de sangue e secreções, evidenciando-se nenhuma piora clínica do quadro e sim a progressão para cicatrização da lesão. Entretanto ainda existia aumento de volume de tecido neoplásico, por este motivo optou-se por fazer nova quimioterapia, a qual paciente também respondeu favoravelmente. Após um mês da última dose o animal retornou para avaliação e notou-se a regressão da lesão na narina esquerda e ausência da inflamação.

Entretanto, apesar dos bons resultados na remissão da lesão, o caso corroborou com os descritos por Ferreira et al. (2006), após seis meses do início da quimioterapia a neoplasia reincidiu, constatada na reavaliação de acompanhamento pós-quimioterápico. Foi observado aumento de volume no osso nasal, podendo ser recidiva, evolução do CCE ou outra patologia. Apesar das falhas na obtenção da cura relacionadas ao tratamento, sempre se busca alternativas terapêuticas para conferir cura ou qualidade de vida do animal e minimizar a evolução clínica do paciente (FILGUEIRA, 2017), e foi desta forma que se conseguiu dar sobrevida ao animal. Assim, a utilização da quimioterapia sistêmica se torna uma possibilidade quando não for possível a remoção cirúrgica da lesão devido a sua localização anatômica como o caso relatado.



Figura 1. Evolução do tratamento com quimioterapia doxu utilizado em um gato com CCE localizado no espelho nasal. **A** - Lesão ulcerada no espelho nasal, adentrando a narina esquerda. **B** - Resposta positiva após a segunda dose da quimioterapia com doxorubicina. **C** - Neoplasia cicatrizada e em remissão após a terceira dose.

CONCLUSÃO

Embora a modalidade terapêutica não tenha promovido à deleção do tecido neoplásico, a doxorubicina sistêmica mostrou-se eficaz no paciente felino, provocando a remissão da neoplasia, vindo a implicar em estabilização temporária do CEE e no prolongamento do período de sobrevida e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODASKI, S.; DE NARDI, A. **Quimioterapia antineoplásica em cães e gatos**. 1ed. São Paulo: Editora Medvett, 2008 livro dos quimioterápicos

GUÉRIOS, S.D.; PÊS, M. S.; GUIMARÃES, F.V.; ROBES, R.R.; RODIGHIERI, S.M.; MACEDO, T.R. **Carcinoma de células escamosas do plano nasal em felinos: por que optar pelo tratamento cirúrgico?** MEDVEP – Rev Científ Med Vet Pequenos Anim Anim Estim, Curitiba, v.1, n.3, p.203-209, jul./set. 2003.

FILGUEIRA, K. D. et al. **Uso da quimioterapia metronômica para o carcinoma de células escamosas cutâneo felino**. 16 p, 2017.

DALECK, C. R.; DE NARDI, A. B. **Oncologia em cães e gatos**. 2ed. São Paulo-SP: Editora Roca Ltda., 2016. 761 p.

SANTOS L. R., ALESSI C. A. **Patologia Veterinária**. Rio de Janeiro-RJ: 2. Editora Roca Ltda., 691 p, 2016.

FERREIRA et al. **Terapêutica no carcinoma de células escamosas cutâneo em gatos**. Ciência Rural, v.36, n.3, mai-jun, 2006.